

INFLUÊNCIA DO PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM NA DOR PATERNAL EM FACE DO AUTISMO

Simpósio de Saúde e Meio Ambiente, 4^a edição, de 06/11/2023 a 08/11/2023
ISBN dos Anais: 978-65-5465-072-4
DOI: 10.54265/XVGY1422

OLIVEIRA; Camilla de Fátima Marques de¹, RAMOS; Nathalia Rodrgiues Moreira², BEAZUSSI; Kamila Müller³

RESUMO

1. Introdução:

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) trata-se de uma condição diagnosticada por volta dos 2 anos, o tratamento envolve uma abordagem multidisciplinar, que pode incluir terapia comportamental, fonoaudiologia, terapia ocupacional e medicamentos, dependendo das necessidades individuais da pessoa com autismo. Transtorno, pois, abrange uma série diversa de condições, dividida em níveis e três tipos; é um transtorno neurológico que afeta o desenvolvimento da comunicação, socialização e comportamento da pessoa. As características do TEA podem variar de pessoa para pessoa, mas geralmente incluem dificuldade em interagir socialmente, padrões repetitivos de comportamento e interesses restritos.

O número de diagnosticados autistas têm aumentado de forma exponencial e a descoberta do TEA pelo núcleo familiar próximo é comumente acompanhada de sentimentos negativos advindos de preocupações e desafios em relação à falta de compreensão e apoio em geral, posteriormente, aceitação. A socialização e compreensão daquele com TEA e demais pessoas é difícil e ainda pior num ambiente desprovido de profissionais, respeito e conhecimento acerca do TEA.

Comumente associados como indiferente e estranhos é comum a segregação e preconceito; a literatura ainda se demonstra verde sobre o tema, não só pelo autismo ter sido descoberto em menos de um século, mas por termos uma explosão na última década de casos e ser uma questão na vanguarda da saúde pública. O objetivo dessa pesquisa é reunir dados da literatura e agregar com experiência de pais autistas para melhora do atendimento clínico.

2. Metodologia:

Dito isso, essa pesquisa faz uma leitura da literatura presente sobre o TEA e, por meio de coleta de dados e interpretação, agrega sobre o tema ao entender como o processo de inclusão pode afetar a família do indivíduo com transtorno autista no meio clínico. Utilizamos de entrevista para coleta de vários pais de regiões diversas (Viçosa- MG, Carangola – MG, Faria Lemos – MG, Varre Sai – MG). As perguntas feitas foram:

[1].Como você descreveria a sua experiência ao levar seu filho(a) autista para atendimentos clínicos?

[2].Quais são os principais desafios que você enfrenta ao buscar atendimento para seu filho(a) autista em clínicas? [3].Quais aspectos você considera importantes para garantir a inclusão e o cuidado adequado do seu filho(a) autista nas clínicas?

[4].Como você avalia a comunicação e a interação dos profissionais de enfermagem com seu filho(a) autista durante os atendimentos clínicos?

[5].Existe algum momento ou experiência específica que você considera positiva em relação à comunicação e interação com os profissionais de enfermagem? E negativas?

[6].Com base em sua experiência, quais recomendações você daria para melhorar a inclusão de crianças autistas nas clínicas de enfermagem?

[7].Existe algo que você gostaria que os profissionais de enfermagem soubessem ou entendessem melhor sobre o cuidado de crianças autistas em clínicas?

3.Resultados e Discussão:

¹ Uniredentor , cafoliveira-@hotmail.com

² Uniredentor , nathalia.rms.rodriques0@gmail.com

³ Uniredentor , kamila.beazussi@uniredentor.edu.br

Como você descreveria a sua experiência ao levar seu filho(a) autista para atendimentos clínicos?
13 respostas

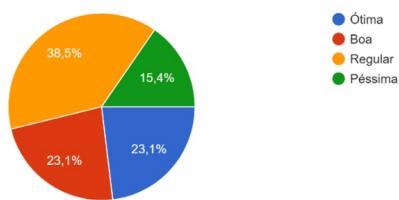


Figura 1: Gráfico de pizza da pergunta [1].

Obtivemos média opinião Regular para o atendimento clínico, na pergunta [2] os entrevistados ressaltam, principalmente falta e qualificação dos profissionais em geral; também, problemas relacionados à espera e resistência do filho ao ambiente estranho, além da dificuldade de encontrar atendimento, (Laurent, 2014) demonstra que a burocracia para o atendimento do paciente autista é extensa e atrasa o tratamento e desenvolvimento deles. Ressaltam na pergunta [3] falta de empatia e desprezo de certos profissionais em relação ao filho como visto em (Merlleti, 2017).

Como você avalia a comunicação e a interação dos profissionais de enfermagem com seu filho(a) autista durante os atendimentos clínicos?
13 respostas

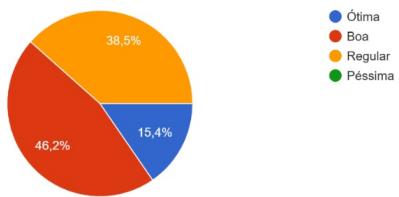


Figura 2: Gráfico de pizza da pergunta [4].

Média opinião boa em relação ao atendimento do profissional de enfermagem. Na resposta [5] a maioria dos entrevistados declararam experiências positivas com enfermeiros, destacando a ludicidade. Foi recomendado na [6], principalmente, ter paciência, carinho e capacitação geral em relação ao autismo, como dito por (Segura, 2011) que ser um bom conhedor da patologia e de suas técnicas terapêuticas é essencial para o profissional atuante. No item [7] foi pedido que os profissionais de enfermagem saibam como manejar, trata e acalmar melhor os pacientes autistas.

Pode-se destacar que o profissional de enfermagem está no caminho para maior inclusão em clínicas, porém tem-se o que melhorar. Entretanto, essa pesquisa mostrou que o maior desconforto está em outros profissionais, tais como recepcionistas e médicos; outrossim, o ambiente demonstra gerar muito estresse nos pacientes.

4. Considerações Finais:

Destacamos a importância da educação e sensibilização sobre o autismo, bem como o suporte profissional para seus filhos e para si; mostramos que os pais de crianças com autismo têm uma visão positiva em relação à inclusão social, mas ainda enfrentam desafios que precisam ser superados para garantir uma sociedade mais inclusiva, principalmente, no meio clínico. Ademais, essa pesquisa demonstrou boa experiência em relação ao profissional de enfermagem e regular no ambiente clínico. Com isso, pode-se aplicar tais dados para melhor atendimento e recuperação de pacientes autistas, uma vez que são cada vez mais comuns. Não tivemos grande amostragem, porém tais perguntas nos dão alta qualidade subjetiva de experiências familiares, assim, melhor precisão para adequar esse ambiente para maior conforto de família e paciente; servindo de guia para os profissionais de enfermagem, médicos e auxiliares.

Referências bibliográficas:

¹ Uniredentor , cafoliveira-@hotmail.com
² Uniredentor , nathalia.rms.rodrigues0@gmail.com
³ Uniredentor , kamila.beazussi@uniredentor.edu.br

- Segura, D. de C. A., Nascimento, F. C. do, & Klein, D. (2012). ESTUDO DO CONHECIMENTO CLÍNICO DOS PROFISSIONAIS DA FISIOTERAPIA NO TRATAMENTO DE CRIANÇAS AUTISTAS. Arquivos De Ciências Da Saúde Da UNIPAR, 15(2). Recuperado de <https://ojs.revistasunipar.com.br/index.php/saude/article/view/3711>
- Laurent, Éric. A batalha do autismo: Da clínica à política. Zahar; 1ª edição, 13 março 2014.
- Merletti, Cristina. Autismo em causa: historicidade diagnóstica, prática clínica e narrativas dos pais. Psicol. USP 29 (1). Jan-Apr 2018 • <https://doi.org/10.1590/0103-656420170062>

PALAVRAS-CHAVE: Autismo, Influência, Profissional de Enfermagem